

A CULTURA DA PANELA DE BARRO ARTESANAL E OS DESAFIOS DA MULHER NA PRESERVAÇÃO DESSE OFÍCIO

Gabriela Lima dos Santos (1); Maria Beatriz de Jesus Silva (1); Felipe Pessoa de Melo (2); Jaldemir Santana Batista (3)

Centro Universitário AGES, gabrielauniages@hotmail.com; Centro Universitário AGES, beatrizsilva_geografia@hotmail.com; Centro Universitário AGES, jaldemirbatista@hotmail.com; Centro Universitário AGES, felippemelo@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo a análise da cultura da panela de barro artesanal e os desafios da mulher na preservação deste ofício. A produção artesanal se caracteriza como um desafio para estas mulheres, tendo em vista que o processo produtivo é bastante trabalhoso, e sua rentabilidade socioeconômica é baixíssima, pois se trata de uma venda a terceiros que por comprar a mulheres desvalorizam o trabalho destas, e oferecem um valor baixo comparado ao de venda e compra do produto nas cidades da Bahia por o mesmo comprador. Logo, analisasse que esta cultura é pouco valorizada na comunidade a qual está inserida, visto que as panelas que são produzidas, bem como os demais utensílios derivados do barro não são compradas pela comunidade, pois apesar de ser conhecimento de todos da existência da produção a valorização é quase inexistente, assim a produção destas mulheres é vendida para cidades da Bahia, a exemplo de Feira de Santana, além, disso todo o processo de produção é realizado por mulheres, que estão com dificuldades de encontrar outras mulheres que possam trabalhar juntamente com elas, o que vem acarretar num cenário de perda da cultura artesanal que poderia ser passada de geração a geração. Portanto diante destas concepções a cultura da panela de barro tem se tornado um desafio para estas mulheres, que permanecem a produzir este artesanato em virtude de uma rentabilidade que ajuda no sustendo das suas famílias.

Palavras-chave: Panela de barro, mulheres, cultura artesã.

INTRODUÇÃO

A cultura artesanal acompanha o processo histórico desde os primórdios da história humana, em que desde seus primórdios o homem vem realizando alterações na paisagem para que ela venha a lhe proporcionar mais conforto, segurança, ou seja, realizando ajustes em seus elementos (MELO; SOUZA, 2016), em que os recursos expostos na natureza são utilizados para melhor ajudar na sobrevivência de determinados sujeitos, criando técnicas, e utensílios que atendam as suas necessidades diárias, técnicas essas que se tornaram tradições em comunidades e povos, passando de geração a geração.

Logo, Segundo Morigi et al. (2012) a transmissão de uma tradição cultural, através da memória, possibilita a produção dos sentidos que são compartilhados, como um processo ativo e dinâmico, fruto das relações de poderes já instituídas que constrói aquilo que reconhecemos como parte da cultura humana, sendo estas festas, comidas, produção artesanal dentre outros aspectos.

Entretanto a representação das culturas nem sempre são perpetuadas entre os povos, as gerações vão evoluindo e com isso o modo de produzir e ou de cultivar uma festa se modificam significativamente, sendo que os valores culturais e da tradição ocorre através da memória social dos grupos que compartilham um mesmo tempo e um mesmo espaço geográfico, assim uma vez que esse tempo e esse espaço são modificados os agentes culturais se modificam (MORIGI et al., 2012).

Diante do pressuposto a cultura da produção artesanal da panela de barro é uma atividade exclusivamente realizada por mulheres, que em sua grande maioria são da mesma família (MORIGI et al., 2012). Em que tem se tornado um desafio para mestras do Povoado Poxica, que produzem este artesanato, visto que os desafios dessa produção se tornaram comumente inviável diante do cenário de evolução tecnológica que a atual sociedade se encontra, desvalorizando esta cultura.

Fator ainda mais agravante é que a presente atividade apesar de sua relevância cultural, e artesanal não tem um reconhecimento por parte da comunidade em que está inserido, o que vem ainda mais acarretar na desvalorização do produto final, bem como do trabalho realizados por estas mulheres, sem contar no fator incisivo em que esta produção é produzida por gênero unicamente feminino o que implicitamente tem uma desvalorização do trabalho destas mesmas.

Por tanto, diante da problemática em questão, o presente trabalho tem como objetivo analisar, a produção da cultura da panela de barro artesanal e os desafios da mulher na preservação desta cultura, no Povoado Poxica, município de Itabaianinha-SE.

Método e Metodologia

O método é uma das partes estruturais de uma pesquisa, sendo assim o método balizador desta pesquisa é o de Libault (1971). Nas concepções de Libault (1971 apud Ross 2012, p.34-38), uma pesquisa de caráter geográfica pode ser compreendida em quatro níveis;

- 1º Compilatório: Refere-se ao primeiro nível, em que é feito registros in loco, sendo que é dividida em duas partes: catalogação e correlação dos dados da referida área de estudo, sendo indispensável esta parte, tendo em vista a compilação dos dados corretamente;
- 2º Correlativo: Este nível compreende como o ponto em que, os dados são correlacionados, para posterior desenvolvimento;
- 3º Semântico: Neste terceiro nível, se dá o processo de selecionamento dos dados após estes serem obtidos nas etapas anteriores;
- 4º Normativo: Este nível compreende-se como único, sendo o momento em que os dados providos das etapas anteriores, se faz produto e pode ser utilizado.

Diante do exposto, no primeiro nível (compilatório), foi feito registros fotográficos da área de estudo nas visitas feita in loco, bem como leituras referente a temática; No segundo nível (correlativo), correlacionou-se as fotos com as leituras, bem como outros dados referente a área de estudo; No terceiro nível (semântico), posterior a compilação e correlação dos registro fotográfico, bem como leituras oriundas sobre a temática, assim como outros dados referente a área, se tem o terceiro nível, que é selecionar estes dados anteriores para serem utilizados e desenvolvidos; No quarto e ultimo nível (Normativo) , neste pode se ter

como caracterização a cultura da panela de barro artesanal e os desafios da mulher na preservação dessa cultura, sendo que cada ponto anteriormente supracitado foi essencial para obtenção deste último.

Resultados e Discussão

A produção artesanal por muito tempo perdura a sociedade, é bem verdade que a produção derivada do barro, já teve uma maior relevância econômica e social para o meio no qual ela é produzida, pois a utilização não somente da panela de barro, mas como também de seus demais utensílios oriundos do barro, como copos, xícaras dentre outros foram utilizados como ferramentas primordiais para o uso diário em tempos passados. Logo com o advento da tecnologia, esses utensílios domésticos se modernizaram, e logo a produção de panela de barro sofreu significativo impacto como bem expressam as mulheres fabricantes e produtoras dos derivados domésticos do barro, fatores contribuinte na valorização econômica do produto estão atrelados a questão do gênero feminino, pois para vender o produto final quando os atravessadores vem comprar nas mãos destas o preço é menor, e quando comprado em terceiros da mesma localidade mas que são homens o valor é maior.

Em se tratando da discussão sobre gênero neste contexto vai muito além da diferenciação de sexo feminino ou masculino, o termo gênero, classificação construída pela sociedade, contribui para exacerbar a distinção entre indivíduos de sexos diferentes. Essa classificação possibilita a construção de significados sociais e culturais diversificados em que culturalmente e por muitos anos a mulher foi tratada como dona do lar, em que não poderia exercer atividades que eram atribuídas ao homem (PRAUN, 2011). Esse cenário mudou, tendo como um dos fatores para esta mudança as necessidades socioeconômicas que tornaram incisivas nas famílias, ocasionando a inserção da mulher no mercado de trabalho tendo em vista a melhoria socioeconômica de suas famílias.

Logo este cenário também se faz parte das produtoras de panelas de barros as quais buscam em suas atividades diárias trazer mais um sustento para dentro de casa, contribuindo assim para melhoria de sua vida econômica. As louças como são chamadas, fazem parte de uma cultura que é passada de geração a geração, no entanto os desafios da permanência desta cultura se tornam cada vez mais difícil ao passo que as mulheres estão com dificuldade de encontrar outras mulheres para ensinar a atividade de construção das panelas de barro.

A área de estudo a qual se encontra a produção de panelas de barro é o povoado Poxica município de Itabaianinha-SE é rica em solos argilosos, material utilizado não somente

na produção de painéis de barro, mas também nas indústrias ceramistas que tem grande rentabilidade para economia local. Itabainahinha-SE, está inserida na microrregião de Boquim exposta na figura 1, possui uma área de 496,3 km², faz divisa com as cidades sergipanas de Cristinápolis, Tomar do Geru, Tobias Barreto, Riachão do Dantas, Boquim, Pedrinhas, Arauá, Santa Luzia do Itanhy e Umbaúba.

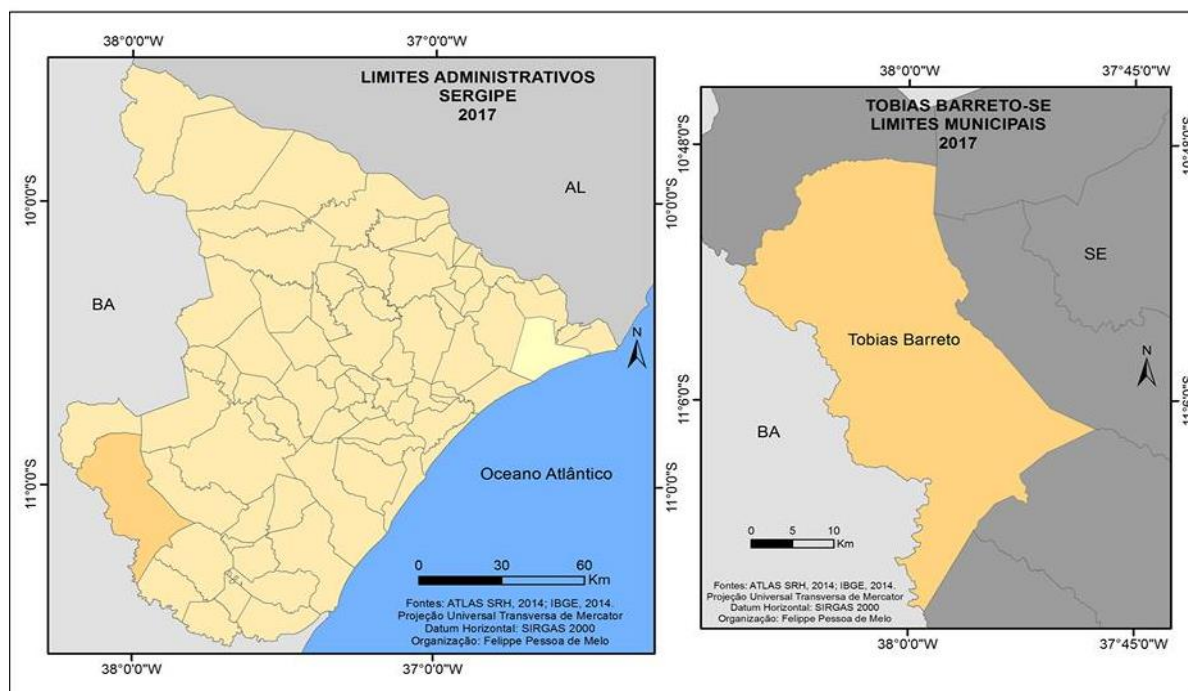


Figura 1: Delimitação da área de estudo (MELO, 2018).

Segundo Ataídes; Souza (1998) destacam que o papel da cerâmica, ou seja derivados do barro como as painéis, em pesquisas estás procuram ir além dos aspectos técnicos, possibilitando, a partir dela, o resgate do cotidiano, de formas de discursos e de estratégias ideológicas e socioculturais de um grupo. Assim caracterizam e expressam a cultura e a prática de um povo, por tanto, a continuidade desta cultura artesanal, precisa ser preservada tendo em vista a importância de sua relevância para o contexto de caracterização de um povo e seu espaço.

No entanto, a preservação desta cultura na referida área de estudo esta cada vez mais difícil, tendo em vista que a produção além de sua pouca rentabilidade socioeconômica, não existe valorização da mesma nem pela comunidade, nem tão pouco pelas próprias mulheres que não querem que suas filhas se submetam a este trabalho esforçado e pouco rentável, e talvez este sentimento de desgaste seja fator principal, para que os desejos das mães seja que suas filhas trabalhem, em trabalhos mais leves e limpos, as quais querem que suas filhas estudem e tenham condições de vida melhor do que as suas (ZACCHI, 2012).

Entretanto este cenário nunca foi assim, em épocas passadas era comum encontrar em quase todas as casas uma mulher fabricando utensílios derivados do barro, sendo comum a prática e venda deste artesanato na localidade, em que sua venda para outras cidades eram mínimas, visto que no próprio município se conseguia a venda, no entanto com os avanços da sociedade é possível se analisar que esta dinâmica se modificou.

Os esposos das mulheres nesta época eram quem comercializavam os produtos em que penduravam nos burros caçoas e carregados seguiam a pé para levar a louça a ser vendida nas feiras de Riachão dos Dantas e Campos do Rio Real o qual hoje é chamado de Tobias Barreto, posterior a esta época, eram transportadas de caminhões em que eram abarrotados de peças, totalmente inverso na atualidade em que, são colocadas sobre os espaços que sobram de outras cargas (ZACCHI, 2012).

Processo de Fabricação das Panelas e Utensílios Derivados do Barro

O processo de produção requer habilidade e paciência, como ilustrado na figura 02, a fabricação da louça é puramente artesanal, sem nenhuma utilização de máquina ou algo derivado que possa facilitar o processo produtivo. O primeiro passo de todos é a compra do barro, que custa por volta de R\$ 120,00 reais, em que geralmente é encomendado com antecedências para o que elas chamam de “botador” que é um rapaz em que pode ser o dono do barro e ou alguém que saiba realizar o processo de preparo do barro ainda na jazida.



Figura 2 (A,B,C, D): Demonstração do processo produtivo (SANTOS, 2018).

As artesãs comentam que o barro bom é aquele que não possui muita pedra em sua substância, uma queixa entre quase todas as mulheres é de que a carroça de barro é muito cara e não dá pra fazer muitas peças (ZACCHI, 2012). Contam ainda que não recebem nenhum incentivo da secretária de cultura do município de Itabaianinha-SE, no que se refere a custos econômicos e ou de caráter de desenvolvimento do artesanato, ainda explicam que somente uma única vez um determinado secretário compareceu na comunidade e prometeu doar o barro, porém o mesmo barro veio sem preparo algum, o que dificultou ainda mais o trabalho delas, em que acharam melhor continuar comprando o mesmo.

Posterior o recebimento do barro, o segundo passo é fazer os chamados “bolos”, que são pedaços de barros de proporção quase igual, em que iram virá uma peça artesanal. Os cortes destes pedaços são feitos com um instrumento chamado “berimbau” ilustrado na figura 3, que nada mais é um pedaço de madeira envergada, com um fio de arame amarrado nas pontas, que irá facilitar o corte do barro. As mulheres contam que aprenderam fazer este artesanato com sua mãe, e ou avós tias e ou alguma amiga próxima, e que começaram a atividade desde crianças.

O artesanato não é algo recente este se perdura desde a origem da história da humanidade, em que os primeiros objetos artesanais datam do período neolítico (cerca de 6.000 a.C.), quando começavam a misturar as matérias primas para satisfazer suas necessidades cotidianas, tecendo fibras de origem animal e vegetal, polindo pedras e fabricando objetos de cerâmica, os quais se encontram até os dias atuais (COSTA, 2012).

O trabalho com o barro requer não somente habilidades como também coragem, visto que posterior ao desdobramento dos bolos de barro é confeccionado as peças. Na primeira fazer é composto pelo que chamam de “abertura”, depois da abertura todas as peças ficam exposta em um salão para secar, posterior a secagem é feito o processos de acabamento que vão desde a raspagem, ao polimento com o couro, ressaltando que cada processo deste é utilizado instrumentos feitos de madeira, para que assim sigam, para o processo de queima durante 12 horas, em um forno que possui características circular ilustrado na figura 2, feito com tijolos e argila, o que segundo elas é muito cansativo, visto que precisa acender o fogo e a temperatura é elevadíssima, em que podem causar queimaduras se não houver uma proteção no corpo.

Logo a todo tempo é preciso reabastecer com madeira o forno, esta madeira que é extraída por homens que vende a estas mulheres custando 100,00 reais a carroça. A madeira tem o nome popular de jurema e científico *mimosa hostilis Benth*, em que não somente é

utilizada como matéria de combustão para a queima no forno, como também é feita a extração de parte do seu caule popularmente a “casca”, ainda em seu habitat natural, em que será cozida e utilizada como tinta para fazer a caracterização nas peças já quando estas se encontram na fase final do processo de fabricação, as artesãs contam que essa é uma das partes melhor, pois já estar se dando o final de um processo bem longo ilustrado na figura 3.



Figura 3 (A,B,C,D): Pintura e instrumentos utilizados na fabricação das peças (SANTOS, 2018).

O processo de pintura é realizado com pedaços de madeira de pontas finas, os quais são feitos pelas próprias mulheres. A pintura não segue um padrão é feita de acordo com o que vem na mente, em geral são flores, bordados, anjos, dentre outros desenhos. Quando pintado as peças de barro vão novamente para o forno, passando cerca de 4 a 5 horas para que a tinta ganhe textura e fique consistente sem soltar quando for utilizada. O resultado de um trabalho para estas mulheres é bastante gratificante, pois o trabalho atribuído para que se chegue a este processo final é bastante árduo e doloroso (ZACCHI, 2012).

Diante do exposto percebe-se que vários são os desafios para permanência desta cultura, visto que o processo produtivo é árduo e sua rentabilidade econômica é pouca. Arelado a isto coexiste a desvalorização do trabalho destas mulheres pela comunidade a qual está inserida, sendo a perda desta cultura algo consumado, visto que as mulheres da comunidade não se dispõem aprender este tipo de artesanato devido a suas condições de

produção e rentabilidade.

Conclusões

A cultura artesanal é algo que esta atrelada a prática humana, em que se desenvolve como manifestação de determinado povo. Diante disso a cultura da produção artesanal de panelas de barro e seus demais utensílios é algo que já faz parte da historia da comunidade do povoado Poxica. No entanto esta prática tem sofrido significativas problemáticas visto que a mesma não tem apreciação pela sua comunidade, em que todo produto que é desenvolvido é vendido para Salvador-BA, dentre outras cidades.

Diante do exposto é perceptível que existe uma desvalorização do artesanato das mulheres não somente pela comunidade, como também pelos compradores, pois quando vendida nas mãos dos atravessadores o preço se eleva, quando comprado diretamente nas mãos destas mulheres o preço diminui, ou seja, ainda se tem em plena sociedade dita evoluída a questão da desvalorização do trabalho da mulher.

Conclui-se por tanto que a cultura artesanal é de suma importância, devido seu valor cultural e histórico, em que deveria continuar a passar de geração a geração, no entanto existi uma quebra nessa relação de gerações, pois nem as filhas das louceiras querem aprender a prática e nem suas mães ensinar, pois querem que suas filhas tenham condições de trabalho melhor que as suas. Logo, se esta cultura artesanal tivesse incentivo de ações governamentais, talvez o cenário fosse outro e mais rentável e as condições de trabalho destas mulheres valorizada e melhor.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a Deus por todos os saberes atribuídos nessa jornada, agradecemos também em especial ao professor Felipe Pessoa de Melo pelas orientações, o qual sempre nos incentiva, sendo este de fundamental importância para a concretização desta pesquisa, bem como a instituição a qual fazemos parte, o Centro Universitário- AGES.

Referências

ATAÍDES, H.; SOUZA, M. A. Cultura Material - uma fonte legitima? As contribuições da História e da Arqueologia para o debate. **Revista de divulgação científica/IGPA**. Goiânia: Ed. da UCG, v. 2, p. 81-93, 1998.
Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/8217683/marcos-andre-torres-de-souza>>.
Acesso em: 28 fev. 2018.

COSTA, L. M. A. O artesanato como forma de manifestação cultural e complementação de renda: um estudo de caso da Associação Comunitária do Bairro do Lambari. **CELACC/ECA-USP**, 2012.

Disponível em: < <http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/414-1166-1-PB.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2018.

MELO, F. P. **Risco ambiental e ordenamento do território em Garanhuns-PE**. São Cristóvão – SE. Originalmente apresentada como dissertação de doutorado, Universidade Federal de Sergipe, 2016.

MORIGI, V. J.; ROCHA, C. P. V.; SEMENSATTO, S. **Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas**, n. 14, 2012. Disponível em: < www4.unirio.br/morpheusonline/>. Acesso em 27 fev. 2018.

PRAUN, A. G. Sexualidade, gênero e suas relações de poder. **Revista Húmus**, 2011. Disponível em: < <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1641/1302>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

ROSS, J. L. S. **Geomorfologia: Ambiente e Planejamento**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

ZACCHI, M. S. **Louça morena puxada á mão: o fazer do barro no povoado de Poxica**. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2012.